

**TIROCINIUM FORI:
O ORADOR E A CRIAÇÃO DE “HOMENS”
NO FORUM ROMANUM**

Claudia Beltrão da Rosa*

Abstract

The Forum Romanum was the locus for the production of the cultural meaning of gender in Ancient Rome, as pace structured to the acting and development of the male businesses: political speeches, the assessment of the censors, jury trials, and so on there occurred. Elsewhere, was carried on the women's businesses, next to the temple of Mater Matuta, around the Forum Boarium, and the most important women's cults were held outside the Forum Romanum, with the unsurprising exception of Vesta's temple. Each year on the Liberalia, the Roman boys of the "good families" were brought by their fathers or tutors to the Forum, to submit before a rite de passage, and if they satisfied its exigencies, they were granted the toga virilis. The "tirocinium fori" (recruitment to the forum), the culmination of the Liberalia rits, mirrored the "Tirocinium militae", producing the male body in its place, its clothes and its behavior. An important factor for the youngest success in the rites was the rethorical training. The oratory was fit to the men, distinguishing them from the women, from who was

Resumo

O Forum Romanum era o locus do estabelecimento do significado cultural de gênero na Roma antiga, um espaço ordenado para a realização e desenvolvimento dos negócios "masculinos": os discursos políticos, o recenseamento dos cidadãos e os tribunais ali tinham seu lugar. Os negócios "femininos", por sua vez, tinham seu espaço próprio, em torno do Forum Boarium, perto do templo da Mater Matuta, e os rituais femininos mais importantes eram realizados fora do Forum Romanum, com a pouco surpreendente exceção do Templo de Vesta. Todo ano, no dia da Liberalia, os adolescentes romanos de "boa família" eram levados por seus pais ou tutores ao Forum, para se submeterem a uma espécie de "rito de passagem" que, se satisfeitas as suas exigências, lhes garantia a toga virilis. O tirocinium fori (recrutamento para o Forum), que coroava os ritos da Liberalia, era paralelo ao tirocinium militae, criando o corpo masculino do cidadão romano em seu lugar, seu vestuário e seu comportamento. Um importante fator para o bom sucesso dos jovens nos rituais era a

* Professora adjunta de História Antiga do Departamento de História da UNIRIO.

expected chastity and, therefore, silence. Cicero in Brutus and in Pro Caelio shows how this male educational process was structured. The rhetorical training was fundamental in the formation of a public man. The forum was a locus of the good orator and the good citizen, producing the identity of the "vir bonus".

Keywords: orator; rhetoric; gender.

formação retórica. A oratória era apropriada aos homens, distinguindo-os das mulheres, de quem era esperada a castidade e, por conseguinte, o silêncio. Cícero, no Brutus e no Pro Caelio, demonstra como este processo educativo masculino era estruturado. O treinamento retórico era fundamental na formação do homem público. O Forum era o locus do bom orador e do bom cidadão, criando a identidade do vir bonus.

Palavras-chave: oratória; retórica; gênero.

Orator est ...vir bonus, dicendi peritus
(CATÃO. Libri ad M. Filium)

O orador romano era rigorosamente treinado para ser o bom cidadão, o *vir bonus*. Ele é um homem, não uma mulher, e seu lugar é o *Forum Romanum*, onde ocorriam atividades que definiam os cidadãos romanos, onde a vida pública tinha seu lugar, onde jovens iniciavam suas vidas públicas e eram treinados por homens mais velhos e mais experientes, aprendendo a ser "homens".

Aprender a *ser homem* e aprender a *ser mulher* são tarefas das mais precoces e constantes nas diversas culturas. Delineiam-se imagens, traçam-se destinos que, mesmo variados no tempo, no espaço e na cultura, são limitados pelas fronteiras do que se espera para rapazes e moças. Todas as instâncias socializadoras das crianças e dos adolescentes de diversos tempos e lugares investem na sedimentação dessas identidades, a da masculinidade e a da feminilidade. E, nas representações correntes das diversas sociedades, assumem-se masculinidade e feminilidade como o afloramento de uma *essência*, explicada pela "natureza" de cada um dos sexos. No entanto, estes atributos, ditos "naturais", vão sendo calcados em meninos e meninas por um longo processo educativo.

Analisaremos, neste trabalho, conforme Judith Butler, o gênero como "performativo", ou seja, constituindo uma identidade proposta por um processo político e educacional, entendendo-o como uma construção social,

culturalmente contingente, e não como uma concretização de uma distinção “biológica”, e assumindo que “verdades” sobre as diferenças entre meninos e meninas, entre homens e mulheres, vão sendo enraizadas no discurso e nas práticas sociais e culturais (BUTLER, 1990, p. 25). Segundo Stuart Hall:

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser mais bem conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “virar” como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997, p. 26).

Os estudos de gênero na arquitetura e no urbanismo, do mesmo modo, têm demonstrado um axioma: *ao longo da história e nas culturas, os arranjos arquitetônicos e espaciais reforçam as diferenças de status entre homens e mulheres* (SPAIN, 1992, p.3). Este axioma, apesar de se ligar a estudos da Europa Moderna, corresponde também à sociedade romana: o espaço do *Forum Romanum* separava nitidamente os homens e as mulheres na Roma antiga.

Um estudo sobre este tema deve, então, considerar a natureza e o funcionamento do *Forum Romanum* como um espaço de construção de identidades de gêneros, com a “socialização” dos jovens romanos para a “masculinidade” por meio, principalmente, da oratória. É possível, então, analisar os manuais de oratória como guias para a produção de gênero, os exercícios retóricos para a formação da voz e do corpo “masculinos”, e os meios pelos quais o “feminino” é construído na cultura romana como um espelho invertido, por meio da exclusão das mulheres e dos atributos considerados “femininos” da oratória e do *forum*. Nos deteremos, então, na produção de gênero nas escolas retóricas dos últimos anos da República e do início do principado.

A questão das relações de gênero na oratória não pode ser considerada sem uma análise prévia do sistema romano de gênero, e esta análise ainda ocorre de modo incipiente entre os historiadores. Os poucos estudos que encontramos sobre o tema revelam uma clara influência da corrente historiográfica denominada *Berkeley New Historicism* (VEESER, 1989), que vem tratando o treinamento e as escolas retóricas (aticistas e asianistas)

romanas como um *locus* de construção de gênero, um espaço no qual a masculinidade é definida, contestada e defendida, além de produzida (CORBEILL, 1990; GLEASON, 1995; GUNDERSON, 1996; RICHLIN, 1996). Outros estudos sobre o tema em Roma radicam no contexto dos estudos culturais, nos quais o aparato ideológico de gênero – que incluía a oratória – é analisado como parte de uma cultura orgânica, como em Michael Herzfield (1985). A natureza da retórica antiga permite lançar luz sobre a construção do “masculino” em Roma. Mas é possível também estudar como a *persona* “feminina” é produzida, delimitada e usada nas escolas retóricas. No caso das *scholae*, o “feminino” tem uma importante função no discurso, mas dificilmente vemos mulheres “reais” figurando na fala dos oradores.

Temos como hipótese que, na República tardia e no início do principado, o *Forum Romanum* era o *locus* por excelência para o estabelecimento da compreensão romana de gênero. O *Forum* era cercado por edifícios nos quais os negócios (masculinos) e o governo de Roma e seu império eram conduzidos: as eleições, os discursos políticos, a censura, os tribunais ocorriam em seu centro (ZANKER, 1990, p. 79-82). Os negócios “femininos”, por sua vez, ocorriam fora deste centro, tendo seu lugar especialmente no *Forum Boarium*, no templo da *Fortuna Virgo* e da *Mater Matuta*. Os ritos femininos mais importantes ocorriam fora do *Forum Romanum*, com a nada surpreendente exceção do Templo de Vesta (BEARD, 1980).

Todo ano, no dia da *Liberalia*, jovens romanos da aristocracia eram conduzidos por seus pais ou tutores ao *Forum Romanum*, trajando, pela primeira vez, a *toga virilis*, abandonando a *bullae* e as vestes de criança, em uma espécie de “rito de passagem”, que incluía a inspeção dos órgãos genitais do rapaz; este dia ligava o corpo masculino a um lugar e a um vestuário específicos (RICHLIN, 1993, p. 545-8; GLEASON, 1995, p. 121). O aprendizado da oratória e o treinamento retórico sob um grande orador eram fatos importantes neste rito de passagem. Este rito era conhecido como *tirocinium fori* (recrutamento para o *Forum*), paralelo, segundo Tácito (*Dial.*, 34), ao *tirocinium militiae* de um jovem oficial do exército romano.

O *tirocinium fori* tinha seu início no festival da *Liberalia*, em 17 de março, no início da primavera. Este festival ocorria em honra ao deus *Liber*, divindade itálica que liberava a semente nesta estação do ano. Deus,

profundamente vinculado à vegetação, tinha como parceira a deusa *Libera*, e Agostinho, “citando” Varrão, diz que a dupla divina Liber-Libera assegurava a germinação da semente, liberando também o sêmen durante a relação sexual (**Civ. Dei** 7,9; 8,3) – uma projeção óbvia da semente que se planta na terra. Os ritos da *Liberalia* incluíam vários elementos que hoje seriam considerados “licenciosos”, elementos que visavam a procriação, como a *pompé* (procissão) de um grande falo que as mães dos jovens que recebiam a *toga virilis* no ano em questão coroavam publicamente.

No discurso em favor de M. Célio (*M. Tulli Ciceronis Pro M. Caelio Oratio*), acusado pela *quaestio de vi* (crime de sedição), no qual a vida privada do acusado foi o tema principal tanto da acusação como da defesa, Cícero narra a adolescência de Célio (**Cael.** 6-15), demonstrando a importância do *tirocinium fori* na formação do cidadão romano e destacando, do mesmo modo, como a beleza física do jovem foi parte integrante da sua “estréia” no *Forum Romanum*. O aprendizado do homem público dependia de um “patronato” forte:

Assim que [seu pai] lhe deu a toga viril (...) foi imediatamente por ele entregue a mim; e ninguém via a flor da juventude de Marco Célio sem ser com seu pai, ou comigo, ou, depois, quando foi instruído nas artes mais elevadas na castíssima casa de Marco Crasso... (Cael. 9)

Tal processo de aprendizado para a vida adulta masculina, mesmo que nos escapem os detalhes, envolvia nitidamente fortes laços hierárquicos entre *seniores* e *iuniuores*. Tanto Cícero como Tácito escreveram sobre os dias em que se sentavam aos pés de seus amados mentores (**CIC. Am.** 1-2; **Brut.** 304-12; **TAC. Dial.** 2), e Sêneca escreveu a um amigo: *Certamente você se lembra com carinho da alegria que sentiu quando despiu a sua praetexta e vestiu a toga viril, e foi levado ao fórum (Ep. 4..2)*.

Os vários exercícios retóricos que Cícero comenta no **Pro Caelio** e no **Brutus** denotam o processo de aprendizagem chamado *tirocinium fori*, também comentado por Tácito:

No tempo de nossos ancestrais, o jovem era preparado para o fórum e para a oratória, após ter sido educado em sua casa e instruído nas artes liberais, e era levado por seu pai, ou por parentes, ao seu orador em Roma. Seguindo-o e freqüentando-o, ele tinha a oportu-

tunidade de ouvir todos os seus discursos nos tribunais ou nos comícios; podia escutá-lo argumentando ou debatendo e, assim como a se expressar corretamente, aprendia a lutar ao tomar parte da batalha... (TAC. Dial. 34, 1-2)

O *tirocinium fori* datava, pois, do tempo em que o ensino profissional era desconhecido em Roma, quando o pai dirigia a educação de seu filho que, após uma primeira fase em sua casa, era treinado para a sua estréia na vida pública por um orador que fazia parte das relações pessoais de seu pai ou tutor. Este processo foi vivenciado por Cícero. Seu pai o entregou aos cuidados de Múcio Scaevolae, o áugure, assim como ele mesmo teve, anos depois, o jovem Célio como pupilo (Cael, 9). Em seu *Brutus* (305 ff), nos mostra quão grave era este processo, e como os laços criados pelo *tirocinium* ultrapassavam o período da adolescência, criando ou consolidando laços de *amicitia* entre os homens da aristocracia romana ou romanizada, ao relatar seu treinamento para a vida pública. Após vestir a *toga virilis* em 91 a.C., aos quinze anos de idade, Cícero entrou pela primeira vez no *Forum Romanum* e, a partir de então, ouvia diariamente os principais oradores de seu tempo, dedicando-se, ao mesmo tempo, à escrita e à leitura, assim como aos exercícios de retórica. Acompanhado por Scaevolae, Cícero estudou lei e filosofia, sob a direção de filósofos acadêmicos e estóicos. Enquanto estudava filosofia, jamais descurou da retórica, treinando diariamente a declamação, em grego e em latim, e somente aos vinte anos, começou a praticar a oratória nos tribunais. Ao lado de um estudo exaustivo, sua presença constante no *Forum* assegurava o seu treinamento prático.

Não há registros conhecidos de um processo semelhante envolvendo mulheres, e há diversas evidências que demonstram que uma mulher que se dedicasse à oratória era considerada uma anomalia (RICHLIN, 1992; GLEASON, 1995, p. 94-8). Cícero elogia as matronas que faziam educar seus filhos na arte oratória (*Brut.* 210-11), mas nada é dito em relação à necessidade de uma educação retórica para as meninas. Nos textos romanos só encontramos referências a três nomes de mulheres oradoras, e tais referências não são propriamente elogios, como vemos no comentário a seguir: *Não conseguimos manter em silêncio essas mulheres que, por falha de sua natureza e por falta de decoro, não se calam no forum e nos tribunais* (*Val. Max.* 5.3). Seus nomes são Amaesia Sentia, Gaia Afrânia e Hortênsia. Amaesia Sentia, cujos dons oratórios não são diminuídos por Valério

Máximo, é, entretanto, disforizada pelo escritor, ao afirmar ter ganhado seu apelido de *andrógina* por seus “hábitos peculiares” (5.3.1); de Gaia Afrânia, cujo discurso é totalmente disforizado, é dito que não fala propriamente, e sim late (5.3.2), e Hortênsia é a única que recebe elogios velados por seu talento, apesar de Valério Máximo diminuir seu valor ao explicar seus dons “ímpares” pelo fato de ser filha do grande orador Hortênsio (5.3.3). Em suma, as duas primeiras são aberrações da natureza, e Hortênsia só é boa oradora por ser filha de um grande orador. Séculos mais tarde, encontramos no *Digesto* (3.1.1.5): *É proibido às mulheres discursar em benefício de outrem*. E é apresentada a razão desta proibição: permitir que mulheres se envolvessem em casos de estranhos à sua família era atentar contra a castidade apropriada ao seu gênero, permitindo que mulheres agissem como homens. Deste modo, o discurso é apropriado aos homens, enquanto o silêncio é apropriado às mulheres.

O *tirocinium fori* se vinculava ao mais antigo sistema educacional romano, sendo uma sobrevivência da Roma arcaica, transformado pelas mudanças vertiginosas que ocorreram nos últimos três séculos da República romana. Na Roma arcaica, os pais romanos educavam pessoalmente seus filhos, por meio de uma aprendizagem prática no campo e no *Forum*. Com a intensificação dos contatos culturais com o Mediterrâneo helenístico, *pari passu* da expansão imperial romana, um conhecimento sistematizado em escolas de pensamento e em manuais foi transformado em objeto de instrução pelos romanos, não sem sérias resistências. Um eco do contraste entre a educação em sua forma pura tradicional e as novas formas “helenizadas” é visto em Plutarco (**Cato Maior**), quando fala da diferença entre os métodos de educação dos filhos de dois notáveis romanos: Catão, o Censor, e Paulo Emílio. O filho de Catão teria sido educado de acordo com as antigas tradições romanas; o de Paulo Emílio recebeu sua educação de uma plêiade de mestres gregos, concomitantemente ao aprendizado tradicional. A ambivalência entre um Catão e um Cipião Emiliano jamais foi resolvida pelo sistema de valores da aristocracia romana. À época de Cícero, o ensino grego se fazia sentir sobre a prática romana, trazendo alguns problemas que se refletem nos manuais romanos de retórica, como veremos a seguir.

Considerando o aprendizado prático, vinculado ao *mos maiorum*, que ocorria no *Forum Romanum*, *locus* de transição do adolescente ao homem adulto, não surpreende que a influência dos manuais de retórica helenística

sobre a oratória romana tenha se tornado, em alguns momentos, problemática, e não surpreende que os discursos políticos e judiciais que nos chegaram incluam várias referências e apologias à “masculinidade” de aliados ou invectivas contra a “efeminação” de rivais (RICHLIN, 1992, p. 83-104; GLEASON, 1995, p. 71-3, 75), em termos que eram também aplicados ao próprio estilo literário dos oradores, validando o princípio de Sêneca: *talis oratio, qualis vita* (SÊN. Ep. 114.1): o estilo de um orador indica a sua moral, e sua moral afeta o seu modo de falar.

Em um estudo de musicologia ainda recente, W. Koestenbaum (1991, p. 20-34) analisa questões técnicas da voz e da postura corporal do solista da ópera moderna, chamando a atenção para o fato de que, desde o momento em que encontramos vozes treinadas para o canto, houve vozes treinadas, pela afetação, também para o canto efeminado, o *falsete*, e que, na Antiguidade romana, o falsete era visto, em geral, como uma aberração. Podemos aplicar algumas conclusões de Koestenbaum sobre o conflito das vozes masculina e feminina, mesmo que estabelecidas para a ópera, em estudos da exigência de timbres considerados masculinos na oratória da República tardia e do início do principado.

A **Epístola 114** de Sêneca indica vários tipos de estilos literários e pessoais indesejáveis, e investe especialmente contra a “efeminação”. Por vezes, o estilo de um orador é considerado muito “afetado”, em outras *infracta et in morem cantici ducta* (114.1), ou seja, sua voz oscila, como faz um cantor. Vejamos uma série de adjetivos em uma passagem significativa de Sêneca sobre modos de discursar que considera inadequados: *... enervis, fractus, degenerans viro, perventurus in turpia* (... emasculado, quebrado, degenerado, voltado para coisas torpes: **De vita beata**, 13.4). Esses termos são recorrentes neste tipo de invectiva e normalmente conotam um lapso de “masculinidade” em um rival; enfim, são adjetivos estereotipados que conotam efeminação. Sêneca chega a recusar o que chama de *uso imodesto* (inverecundia) da *metáfora* (Ep. 114.1), exemplificando a crença romana de que o ritmo da prosa e as figuras retóricas estão sujeitas às regras que governam o comportamento sexual. A *actio* (o movimento) de cada pessoa é similar ao seu discurso (114.2). Assim, a *lascivia* na oratória seria prova de *luxuria*, um estilo de vida degenerado para o autor. Sêneca usa a figura de Mecenas, amigo e braço direito de Augusto, como exemplo, reprovando-lhe o estilo de vida como sendo “efeminado” e descrevendo-o como um *discinctus* (castrado) e *soluto* (preguiçoso: Ep. 19.9). A **Epístola**

114 de Sêneca termina com um retrato detalhado do homem “efeminado”, descrevendo seu corte de cabelo, o modo como se barbeia, as cores que veste, seu jeito de arrumar a toga, e o jeito “sorrateiro” de suas ações, tendo Mecenas como modelo (114.21).

A coleção de discursos e anedotas memoráveis do pai de Sêneca – simultaneamente, um manual e uma antologia – mostra como o gênero e o estilo serviam como signos nas *scholae* retóricas do início do principado. Esta obra foi escrita pelo velho Sêneca para seus filhos, e é a eles dedicada, o que novamente nos demonstra a importância da educação dos filhos pelos pais, em Roma. Sêneca, o Velho, invoca, nas *Suasoriae*, a definição do bom orador de Catão (*vir bonus, dicendi peritus*). Os três filhos de Sêneca aparecem como a audiência ao longo de toda a sua obra; e.g., no final das *Suasoriae*, Sêneca diz aos filhos que o estilo de Arélio Fusco, cujos discursos de estilo asianista tanto empolgavam a juventude romana de então, *ofenderá a vocês quando atingirem a minha idade; entretanto, não duvido que os verdadeiros vícios que, no futuro, os ofenderão, agora os deliciem* (2.23). Esta passagem se vincula à idéia expressa por Cícero de que o estilo asianista é mais apropriado aos jovens do que aos homens maduros (**Brut.** 325-7). Cícero também escrevera suas *Partitiones oratoriae* para seu filho Marco, e o livro é um diálogo (ou catecismo?) cujos personagens são “Cícero” (o jovem Marco Cícero) e o “Pai” (o próprio orador).

Quintiliano discute a diferença entre o estilo ático e o estilo asianista na retórica, estilos que geraram uma grande controvérsia na oratória romana, com uma certa dificuldade (**Inst.** 12.10.12-26), e apresenta um relato sobre a origem das duas escolas retóricas helenísticas (12.19.16-17). Na Antiguidade, ele diz, o estilo ático era bom, o asianista era ruim. O estilo ático era *pressi* (conciso) e *integri*; enquanto o asianista, que diz ser originário da Ásia Menor, era *inflati* (rebuscado) e *inani* (exagerado). Quintiliano arrisca-se a observar que os asiáticos foram iniciados na retórica sob Alexandre, antes de saberem corretamente o grego e que, por isso, expressavam as idéias por meio de circunvoluções, por não saberem que palavras empregar em cada ocasião. Quintiliano, então, explica a diferença de estilos por questões étnicas e mesmo fisicamente, dizendo que os oradores asiáticos são menos capazes de atingir a excelência do discurso: *Os áticos, refinados e precisos, não toleram nada rebuscado nem redundante; mas a raça (gens) asiática, que é mais cheia de si (tumidior) e vaidosa (iactantior), é tomada pela vanglória ao discursar* (**Inst.** 12.10.17).

A controvérsia entre o estilo ático e o asianista na retórica romana era expressa também em termos de gênero. O Oriente, no pensamento romano, era associado à luxúria e a uma sexualidade considerada desviante (os exemplos mais próximos dos romanos eram a efeminação e a autocastração dos sacerdotes de Cibele). Não é surpreendente, então, que um estilo oratório que acreditavam ser proveniente da Ásia Menor fosse considerado “efeminado”. E a ambivalência romana em relação a uma arte tão marcadamente “estrangeira” em sua origem, como a oratória, levou os oradores a preferirem dos “males” o menor: o estilo ático, considerado uma derivação do estilo mais conciso dos oradores atenienses, como Demóstenes e Isócrates, era preferível ao estilo derivado das escolas retóricas de Alexandria e da Ásia Menor, mais efusivo e apaixonado.

Tácito, em seu **Dialogus**, descreve a “batalha” entre Cícero – “acusado” de pertencer à escola asianista – e seus oponentes “áticos”, como Calvo e Bruto:

... para quem ele [Cícero] parecia rebuscado e vaidoso (inflatu et tumens), não conciso (pressus), ultrapassando constantemente os limites (supra modum exultans), exagerado (superfluens) e não suficientemente ático (Dial. 18.4-5)

Vemos, também, um ataque de Quintiliano ao estilo de Cícero:

... mas mesmo homens de seu próprio tempo o acusaram de ser muito rebuscado (tumidiorum), asiático, redundante, muito repetitivo, às vezes frívolo em seu humor e frágil em sua composição (fractum), exaltado e alguns – que não estavam longe da verdade – o consideravam menos do que um homem (viro molliorem). (Inst. 12.10.12)

Os ídolos populares da oratória romana não eram, contudo, Bruto e Calvo, mas Cícero e Hortênsio, outro orador que sofria com as constantes acusações ao seu estilo vibrante, considerado pouco “viril”. Vemos, novamente, a ambivalência romana em relação à retórica. Os discursos de Hortênsio e de Cícero reuniam multidões para ouvi-los e seus resultados eram mais eficazes do que os áridos discursos de Bruto. Deste modo, vemos que a influência das *scholae* retóricas helenísticas, com seu conseqüente refinamento das performances oratórias, era considerada perigosa para a concepção tradicional romana de “masculinidade”.

Se uma grande fonte de ansiedade dos retóricos em relação ao estilo era o risco de “efeminação”, outro perigo para o orador – relacionado ao primeiro – era ser confundido com o ator. Os atores eram seres particularmente suspeitos, considerados “infames” e “efeminados” (*molles*). William Fitzgerald sugeriu que a poesia, como a performance oratória, devia ser vista como semelhante à representação cênica, havendo uma tendência à desconfiança pública no que tange à integridade moral dos poetas (1992, p. 420-1). Os manuais de oratória são insistentes na afirmação de que os oradores, tão talentosos quanto os atores, não são atores em absoluto. O problema não radicava somente no fato de que o orador realizava uma performance pública. O maior problema é que os oradores usavam seus corpos em suas performances de um modo muito semelhante ao dos atores em cena. Usavam suas vozes para persuadir, encantar, mover à ação, vituperar, causar impacto, a ponto de parecerem cantar (SÊN. **Suas.** 3. 6-7; 7.12; 2.23; 2.10; **Controv.** 2.1; 1.1.22; 3.7; Quint. **Inst.** 10.1.125.31; 125-6; 127). Os oradores usavam suas vozes e seus corpos para impressionar diferentes tipos de pessoas, em diferentes espaços (Senado, Rostra, dentre outros); buscavam diferentes efeitos, como movimento das mãos e dos braços, com o jeito de arrumar a toga, com os movimentos dos olhos, etc., constituindo o ramo da oratória chamado *pronuntiatio* ou *actio*.

Quintiliano dedica toda uma seção de seu **Institutio Oratoria** à *actio* (11.3), declarando que é o ramo mais importante da oratória, apelando a autoridades como Demóstenes e Cícero. Os leitores atuais das *Catilinarias* dificilmente pensam na *actio* e lhes é difícil imaginar o orador romano como uma espécie de *showman* falando para uma multidão. Esta performance do orador era, justamente, o maior alvo de críticas. O orador se parecia com um cantor ou um ator, e cantores e atores eram moralmente suspeitos *per se* (Macróbio. **Sat.** 3.14.4-8, passagem na qual vemos Cipião em uma espécie de escola de dança). Cantar, dançar e representar eram ações estreitamente associadas, no pensamento romano, com a “efeminação” e com aquilo que chamavam de “passividade” nas relações sexuais, apropriada às mulheres e aos escravos, e não aos cidadãos romanos. Deste modo, o orador corria sempre um risco de ser considerado “efeminado” ou ser acusado de efeminação por um rival.

Este vínculo entre o ator e a efeminação e as tentativas de se estabelecer a diferença entre o orador e o ator são recorrentes nos manuais retóricos romanos. O mais antigo manual romano de retórica que conhecemos, o anônimo *Rhetorica ad Herennium*, do século I AC, discute a *actio* dando ênfase à questão da voz (3. 19-28). Considerando as conotações sexuais da *mollitudo*, é compreensível que o autor dê este nome a um dos aspectos negativos do treinamento da voz – ao mesmo tempo, o nome é um indício do qualificativo usado para o orador que não utilizava bem a sua voz. Há várias advertências no texto contra o “mau uso” da voz, como a seguir:

... exclamações agudas agriem a voz; elas também agriem a audiência, por isso há nelas algo de deseducado (inliberale) e mais apropriado aos rumores das mulheres (muliebrem... vociferationem) que à dignidade masculina (virilem dignitatem) (Rhet. Her. 3.22)

Algumas seções são dedicadas ao *mollitudo*, nas quais o autor observa que, para evitá-lo, o orador deve usar plenamente a garganta (*plenis faucibus*), ainda que *de modo a não passarmos da prática oratória à tragédia* (3.24). Finalmente, nas duas seções dedicadas ao movimento corporal apropriado ao orador, o autor explica que o propósito dos gestos e das expressões faciais é tornar o argumento mais convincente:

É preciso que o pudor e a acrimônia estejam em seus rostos, e que em seus gestos não haja nenhuma concupiscência (venustatem) nem nenhuma torpeza (turpitudinem), para que não sejam vistos como atores (histriones) ou trabalhadores braçais (operarii). (3.26)

Outro escritor romano, Columella, que escreveu sobre a agricultura em meados do século I DC, começa seu livro com um *locus de saeculo* clássico, que inclui um comentário sobre o teatro: *Atônitos, nos surpreendemos com os gestos efeminados que, com movimentos femininos, imitam um sexo negado aos homens pela natureza, e enganam os olhos dos espectadores (Agr. I, 15).*

A dança e o teatro, contudo, eram muito populares em Roma, e mesmo o herói popular Cipião Emiliano *movia ritmicamente seu corpo triunfal e militar (SÊN. Tranq. 17.4)*. Se Cipião era um dançarino masculino, este talvez tenha sido o objetivo (precário e frágil) do orador romano. O tratamento da *actio* por Quintiliano é pleno de alertas contra lapsos da masculinidade. Em uma longa passagem, ele diz que *os modos corruptos e*

viciosos de discursar (*corruptas et vitiosas orationes*) agradam ao povo e degradam sua audiência; esses modos são plenos do que é *impróprio, obsceno, vulgar, sórdido, lascivo, efeminado (impropria, obscura, humilis, sordida, lasciva, effeminata)*. E o povo gosta deles justamente porque são *perversos (prava)*. Para Quintiliano, o bom discurso é *forte (rectus)* e *natural (secundum naturam)* e o mau discurso é *effeminatum*. Ressaltamos que a invectiva de Quintiliano contra o mau discurso é dirigida especialmente à voz.

A transição da infância à adolescência é, segundo Quintiliano, precisamente o momento no qual a voz corre o maior dos perigos (Inst. 11.3.28). A voz é vulnerável neste momento da vida e pode ser prejudicada por um mau treinamento retórico, assim como o jovem é mais vulnerável a sucumbir a práticas “condenáveis” do que os homens adultos. O vocabulário com o qual Quintiliano se expressa nesta seção é pleno de adjetivos que constituem um espectro da “masculinidade” romana, em um momento no qual a voz apresenta uma natural “androginia” suspeita, soando de modo semelhante à voz feminina. A voz do orador tem de ser, ao mesmo tempo, firme e suave, grande e pura, mas, jamais, “efeminada” (11.3.32).

Quando trata do corpo do orador, Quintiliano destaca o arranjo da toga, a ponto de fazê-lo parecer uma arte *per se* (11.3.133). O orador tem de ser *splendidus et virilis*. A toga não pode ser muito longa, mas também não muito curta; seu comprimento ideal é logo abaixo do joelho na frente e um pouco mais baixa atrás, porque *um comprimento mais longo é para as mulheres, e um mais curto é para os centuriões* (11.3.138). O orador precisa de

... firmeza no corpo, evitando que a voz seja diminuída ao timbre dos eunucos e das mulheres (...); isto é obtido pelas caminhadas, por massagens com óleos, pela abstinência sexual e a pouca quantidade de comida, i.e., a frugalidade (11.3.19). Deve-se evitar a voz efeminada (...), mas devemos fazê-la firme pela prática (11.3.128).

Em suma, o treinamento do orador envolve uma grande preparação física. A lista dos gestos apropriados, em Quintiliano, envolve práticas disciplinares para os novatos e, em todo o processo, vários vícios os ameaçam, dentre os quais o vício da efeminação é o mais destacado. A lista de adjetivos associados com o “feminino” e com a “efeminação” é extensa: *tumidiorem, redundantem, fractum, viro molliorem, superfluens, lascivi, mollitudo, muliebrem vociferationem, inliberale, turpitudinem, mostruositas, corrupta et vitiosas orationes, impropria, sordida, effeminata,*

prava, enervis, todos de nítido tom disforizante nos discursos citados. A grande preocupação parecia ser a de evitar os estigmas da efeminação, que abalavam o viril *Forum Romanum*.

Vemos, assim, características consideradas “femininas” em plena ação no mundo masculino do *Forum Romanum*. Mas, enquanto o feminino desempenha um papel central na definição do “masculino” em Roma, mulheres reais estão quase que totalmente ausentes, salvo raras exceções e, na maioria das vezes, quando estão presentes funcionam como referências negativas, disforizadas. Os participantes da arte “masculina” da oratória parecem precisar do “feminino”, tanto para a sua autopromoção quanto para insultar os seus inimigos, mas as mulheres reais não pertenceram ao *Forum Romanum*. Concordamos, pois, com J. J. Winkler e D. D. Gilmore, que trataram os postulados da “masculinidade” e concluíram por sua precariedade, complexidade e artificialidade (WINKLER, 1990; GILMORE, 1991). Suas conclusões podem ser aplicadas ao mundo masculino do *Forum Romanum*, no qual as preocupações dos oradores com o tema da virilidade chegam à obsessão.

Documentação escrita

AGOSTINHO. *Cidade de Deus*, v. I e II. Petrópolis: Vozes, 1990.

CÍCERO. *Cicero's Brutus or History of Famous Orators; also His Orator, or Accomplished Speaker*. Hard Press, 2006.

CÍCERO. *M. Tulli Ciceronis Pro M. Caelio Oratio*. Oxford University Press, 1988.

SÊNECA, O VELHO. *Controverses et suasoires*. Paris: Garnier Frères, s/d.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1991.

SÊNECA. *Epistles 1-65*. Loeb Classical Library, 1917.

TÁCITO. *Dialogus de oratoribus* (Cambridge Greek and Latin Classics). Cambridge University Press, 2001.

VALÉRIO MÁXIMO. *Memorable Doings and Says*, v. I and II. Loeb Classical Library, 2000.

Bibliografia

- BEARD, M. The Sexual Status of Vestal Virgins. **JRS** 70 (1980): 12-27.
- BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and Subversion of Identity** (Thinking Gender) New York: Routledge, 1990.
- CORBEILL, A. **Political Humor in the Late Roman Republic: Roman defining themselves**. Berkeley University Press, 1990; GLEASON, M. W. **Making Men: Sophists and Self-Presentation in Ancient Rome**. Princeton University Press, 1995.
- FRITZGERALD, W. Catullus and the Reader: the Erotics of Poetry. **Arethusa** 25 (1992): 419-43.
- GILMORE, D.D. **Manhood in the Making**. Cultural Concepts of Masculinity. Yale University Press, 1991.
- GUNDERSON, E. **Contested Subjects: Oratorical Theory and the Body**. Berkeley University Press, 1996.
- HALL, S. A centralidade da cultura; notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. *In: Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22. jul/dez, 1997.
- HERZFELD, M. **Poetics of Manhood**. Princeton University Press, 1985.
- KOESTENBAUM, W. The Queen's Throat: (Homo)sexuality and the Art of Singing. *In: FURS, D. (ed.) Inside/Out: Lesbian Theories, Gay Theories*. New York: Routledge, 1991, p. 20-34.
- RICHLIN, A. Not before homosexuality: the materiality of the Cinaedus and the Roman Law against love between men. **Journal of the History of Sexuality** 3.4. (1993): 523-73.
- _____. Roman Oratory, Pornography and the Silencing of Anita Hill. **Southern California Law Review**, 65 (1996): 1321-32.
- SPAIN, D. **Gendered Spaces**. London: Chapel Hill, 1992.
- VEESER, H. A. (ed.) **The New Historicism**. Berkeley University Press, 1989.
- WINKLER, J.J. **The Constraints of Desire: the Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece**. New York: Routledge, 1990.
- ZANKER, P. **The Power of Images in the Age of Augustus**. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1990.